

## AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS NA CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES DO SECRETÁRIO EXECUTIVO

---

*Verônica Braga Birello<sup>1</sup>  
Raquel Tiemi Mareco<sup>2</sup>*

**Resumo:** O reconhecimento e a regulamentação da profissão e do curso de secretariado executivo contribuem para a construção de identidades desse profissional e, especificamente neste trabalho, do futuro profissional que, ao falar sobre a profissão que escolheu pode materializar formações imaginárias, colocando em relação o “eu”, o “outro” e o objeto do discurso, instaurando, assim, identidades e diferenças. Dessa forma, este trabalho tem por objetivo observar identidades do secretário executivo trilingue materializadas no discurso do futuro profissional, visto que este tem ainda um olhar de um profissional em preparação, mas ao mesmo tempo já construiu um imaginário sobre o que significa ser um profissional do secretariado executivo trilingue. Para tanto, entrevistamos sete estudantes do último período do curso de secretariado executivo trilingue da Universidade Estadual de Maringá. As entrevistas foram gravadas em arquivo de áudio, transcritas e analisadas. Por meio das análises, percebemos que o movimento de inclusão e exclusão presente nos discursos é uma característica que é natural da identificação e do jogo de imagens. O futuro secretário executivo muitas vezes se distancia da sua identidade como profissional, permanecendo ainda na identidade de estudante, excluindo, por meio do uso de terceira pessoa, ao falar do profissional. Entretanto, nas relações de força, em alguns momentos ele se impõe e procura mostrar-se como pertencente a essa classe de profissionais, e ainda tenta prever os sentidos de seu discurso, o que coloca em enfoque o mecanismo de antecipação apresentado.

**Palavras-Chave:** Análise do discurso. Identidade discursiva. Jogo de imagens.

---

<sup>1</sup> E-mail: ve\_mione@hotmail.com

<sup>2</sup> E-mail: rachelmareco@hotmail.com

## THE IMAGINARY FORMATIONS IN CONSTITUTION OF IDENTITIES OF THE EXECUTIVE SECRETARY

---

*Verônica Braga Birello<sup>1</sup>*

*Raquel Tiemi Mareco<sup>2</sup>*

**Abstract:** The recognition and regulation of the profession and of the under graduation course contribute to the construction of executive secretary professional identities, specifically in this work, the future professional who, when talking about their chosen profession, can materialize imaginary formations, putting in relation the "I", the "other" and the object of discourse, which establishes identities and differences. Thus, this study aims to observe the trilingual Executive Secretary identities embodied in the future professional discourse, since it still has a professional in preparation point of view, but, at the same time, has built an image about what is a professional of trilingual Executive Secretary. To this end, seven students were interviewed at the last year of under graduation course of Trilingual Executive Secretary from the State University of Maringá. The interviews were recorded on audio file, transcribed and analyzed. Through analysis, we realized that the movement of inclusion and exclusion in these discourses is a natural feature of identity and image games. The future executive secretary often moves away from his/her identity as a professional, yet remaining in the student identity, other than through the use of third person when speaking of the professional. However, the balance of power in some places and times they try to show themselves as belonging to this class of professionals, and even try to predict the directions of his speech, which puts the focus on the presented mechanism of anticipation.

**Key-words:** Discourse analysis. Discursive identity. Image games.

---

<sup>1</sup> E-mail: ve\_mione@hotmail.com

<sup>2</sup> E-mail: rachelmareco@hotmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

---

A profissão de secretariado surgiu na antiguidade e passou por diversas transformações no decorrer dos anos, porém, ganhou maior destaque e valorização somente nas últimas décadas, principalmente com a regulamentação da profissão em 30 de setembro de 1985, através da Lei Nº 7.377 e com a obrigatoriedade do curso de bacharelado em secretariado para o reconhecimento profissional do secretário executivo (Lei Nº 9.261). Esse curso de graduação forma um profissional multifacetado que pode se especializar e, por conseguinte, pode trabalhar em diversas áreas.

Durante o curso, os profissionais geralmente estudam arquivística e aprendem a classificar documentos, a desenvolver tabelas de temporalidade, etc. Também estudam várias disciplinas relacionadas à administração, e técnicas administrativas, contabilidade, além de filosofia e psicologia das relações. Matérias essenciais como gestão, assessoria e empreendedorismo, passando ainda por matérias específicas como técnicas de secretariado, organização e gestão de eventos. Além das disciplinas teóricas, o curso tem em sua grade o estágio obrigatório, que proporciona ao estudante seu primeiro contato com um contexto real de sua futura profissão, podendo colocar em prática as teorias aprendidas em sala de aula, pois, conforme explica Nonato (2009 p. 29), “a teoria não atrapalha a prática, ao contrário, a valoriza, otimizando a intervenção do profissional secretário em seu ambiente laboral de modo fundamentado.”

O reconhecimento e a regulamentação da profissão e do curso de secretariado executivo contribuem para a construção de identidades desse profissional e, especificamente neste trabalho, do futuro profissional que, ao falar sobre a profissão que escolheu pode materializar formações imaginárias, colocando em relação o “eu” e o “outro”, instaurando, assim, identidades e diferenças.

Com base em Pêcheux (1990), Orlandi (2005) e Indursky (1997), podemos dizer que as formações imaginárias são as imagens que os interlocutores fazem de si mesmos, do outro e do objeto do discurso e, também, as imagens que o locutor acha que seu interlocutor tem dele e as imagens que ele acha que seu interlocutor tem objeto do discurso. Todo esse conjunto de imagens (as formações imaginárias) são postas em relação e materializadas, de forma inconsciente, nos discursos.

O foco teórico central nesse conceito se justifica pelo fato de estarmos analisando discursos de futuros secretários executivos que, por estarem no último período do curso de graduação, já tiveram acesso a quase toda a teoria sobre esse curso e sobre esse profissional e, a maioria deles já estagiou ou estagia em sua área de atuação. Portanto, esses sujeitos têm o olhar da posição de estudante em formação e, ao mesmo tempo, de

futuros profissionais. Esse “jogo de imagens” (PÊCHEUX, 1990) é a formação imaginária se materializando nos discursos.

Considerando que a identidade discursiva se constitui pelo discurso de si e também pelo discurso do outro, portanto, se constitui num “jogo de imagens”, articulamos, neste trabalho, o conceito de identidade discursiva com o de formações imaginárias.

Diante do exposto, este trabalho tem por objetivo observar identidades do secretário executivo trilingue materializadas no discurso do futuro profissional, visto que este tem ainda um olhar de um profissional em preparação, mas ao mesmo tempo já construiu um imaginário sobre o que significa ser um profissional do secretariado executivo trilingue. Para tanto, buscamos responder a seguinte pergunta de pesquisa:

- Após seu conhecimento teórico e prático durante a graduação, qual a imagem que o futuro profissional tem da profissão que escolheu?

Para tentar responder a esse questionamento, nos embasamos teórico-metodologicamente na análise do discurso de linha francesa, mais especificamente, no conceito pecheutiano de formações imaginárias em articulação com os estudos culturais (Hall, 2000; Souza, 2000; entre outros).

Organizamos este artigo em três partes. Na primeira, apresentamos nossa metodologia de trabalho; na segunda, abordamos alguns conceitos de identidade, demonstrando como ela pode ser constituída no/pelo discurso e, ainda nesta parte, discutimos também o conceito de formações imaginárias, articulando-o com o conceito de identidade discursiva. Toda a fundamentação teórica está exemplificada por meio de excertos de nosso *corpus*, realizando, dessa forma, o movimento de vai-e-vem entre teoria e análise, proposto pela análise do discurso. Por fim, retomamos a pergunta de pesquisa, buscando respondê-la com base em nossas análises.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

---

Nossa metodologia de trabalho foi dividida em quatro etapas: a) planejamento e organização das entrevistas; b) coleta de dados (entrevistas); c) transcrição e seleção de sequências discursivas; d) análise e discussões.

Para este estudo de caso foi realizada uma pesquisa de campo, com entrevistas semiestruturadas gravadas em arquivo de áudio. A opção pela gravação em arquivo de áudio e não por um questionário escrito justifica-se por nossa preferência, neste estudo, por um discurso mais espontâneo, sem cortes ou edições.

A referida entrevista foi realizada entre os dias 26 e 30 de setembro de 2011 com sete participantes, estudantes do último período do curso de graduação em secretariado executivo trilingue da Universidade Estadual de Maringá. Esses sete participantes foram voluntários e representam 20% do total de alunos da turma (35 alunos).

Após essa etapa de coletas, as entrevistas foram transcritas e analisadas, segundo as bases teórico-metodológicas da análise do discurso em articulação com os estudos culturais.

### **3 AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS NA CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES DISCURSIVAS**

---

A construção identitária é estudada por várias áreas do conhecimento, cada uma a partir de uma dada posição, por isso, não há uma definição única e precisa, mas várias definições sob diferentes perspectivas, como afirma Gregolin: (2008, p. 82) “O conceito de *identidade* é complexo, multifacetado e, por isso, pode ser pensado a partir de vários ângulos e tem sido objeto de reflexões em vários campos de estudos [...]”

Em relação a essa incompletude do conceito de identidade, Coracini (2003) complementa que ela permanece sempre em processo de formação e transformação. A identificação ocorre porque encontra uma resposta no interior do sujeito, portanto:

é preciso entendê-la não como resultado de uma plenitude ou da completude ilusória de um sujeito indiviso, mas de uma “falta”: falta de inteireza que procuramos preencher sem jamais conseguir, a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros: sei quem sou em relação com o outro que eu não posso ser (p.243).

Na mesma linha de pensamento, Hall (2000, p. 112) afirma que as identidades “são as posições que o sujeito é obrigado a assumir”, sabendo que elas são representações construídas “ao longo de uma ‘falta’, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – ao processo de sujeito que são nelas investidos”.

Fino e Souza (2003, p. 233) defendem que “a identidade é, antes de mais, uma questão do foro pessoal, que só ganha significado no confronto que o sujeito tem consigo próprio e com o “outro”, no seio de uma estrutura social onde os poderes se encontram desigualmente distribuídos”. Essa afirmação pode ser percebida no excerto abaixo:

- (1) *Na minha opinião, que não sou secretária executiva (risos) então além de receber ordens de muita gente, também supostamente tenta passar, tipo, tarefas e coisas pra muita gente fazer . O curso de secretariado te prepara pra muita coisa, pra você fazer milhares de tarefas ao mesmo tempo[...].* (Entrevistado 6, em resposta à questão 1)

Assim, pode-se perceber que esse sujeito se constrói a partir de um deslocamento entre o outro e si, considerando como “outro” em algumas situações e se incluindo na comunidade para formar a imagem que tem sobre o profissional que se tornará. Nas palavras de Fino e Souza (2003, p. 234), “o sujeito constrói a sua identidade pessoal a partir não só da relação consigo próprio, no conflito entre imagens de si, como a partir da relação que ele estabelece com o outro, no reconhecimento desse outro e da diferença entre ambos”.

Sendo assim podemos perceber também esse movimento de identificação na fala de outros futuros profissionais:

- (2) *Um secretário executivo faz várias coisas, ele desempenha várias tarefas [...] Pelo que a gente já estudou, principalmente é assistente pessoal do seu superior, daí a gente controla agenda, agenda viagens, a gente faz pagamentos [...].* (Entrevistado 2, em resposta à questão 1)
- (3) *Um secretário executivo faz de tudo um pouco. Pra mim vai desde um simples arquivamento até o assessoramento do executivo, ele, ai não sei, até receber as pessoas, os clientes, tanto internos como externos, ele participa de reuniões, redige documentos, ligações nacionais, internacionais.* (Entrevistado 4, em resposta à questão 1)

Para obter a resposta dos excertos de 1 a 3 foi enunciada a questão 1 de nosso questionário: *O que faz um secretário executivo?* Podemos perceber que o excerto (2), materializa um estudante se projetando em um profissional idealizado, mas não se incluindo como profissional do secretariado executivo, já que fala das funções desse profissional em terceira pessoa do singular. Entretanto, em certos momentos, esse mesmo entrevistado se identifica como profissional por meio da conjugação verbal e no léxico empregado “a gente”. Esse jogo de imagens de si e do outro,

constitui o que Pêcheux (1990) chama de formações imaginárias, que abordaremos mais adiante neste trabalho.

Se pensarmos no secretariado como profissão que tem seu surgimento na antiguidade e que foi passando por diversas transformações no decorrer dos anos, podemos concordar com Nonato (2009) ao identificar traços profundamente marcados da profissão de secretariado na antiga atividade realizada pelos escribas, que assessoravam pessoas importantes além de possuírem o conhecimento da escrita o que os distinguia do restante da população. O autor apresenta o principal aspecto da profissão de escriba: “[...] assessorar na perspectiva de um profissional de confiança, cujo sigilo das informações era crucial para o sucesso do trabalho de seus líderes” (NONATO, 2009, p. 81). Aspecto este que continua a ser fundamental para o atual secretário executivo.

Em relação ao jogo de imagens criadas na relação entre o “eu” e o “outro”, Orlandi (2005), embasada nos estudos de Michel Pêcheux, explica que as formações imaginárias são constituídas pelas relações de força, pelas relações de sentidos e pelos mecanismos de antecipação.

Ao proceder com as entrevistas recebemos a seguinte resposta:

*(4) Hoje um dos diretores lá disse assim: “Ah, capaz até que você vire minha chefe um dia”, mas ele falou brincando, e eu não sei porque eu não posso, não entendi.* (Entrevistado 3, em resposta a questão 2)

As relações de força são relações hierarquizadas que constituem “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2005, p. 39). Se o sujeito fala a partir do lugar de um estudante de secretariado executivo trilingue, por exemplo, suas palavras significam de modo diferente de que se ele falasse do lugar de um professor de seu curso de graduação, ou ainda do lugar de seu chefe. No caso dessa resposta, o entrevistado não tem a mesma imagem de si, de sua profissão, do que é capaz de fazer, que seu chefe tem. Vemos assim as diferentes formações imaginárias e suas relações de força, que também podem ser percebidas pelo depoimento a seguir:

*(5) Nossa, eu imaginava um secretário, assim, todo mundo ia respeitar ele, que ia ser a coisa mais elegante do mundo, sempre viajando por aí, e sei lá, conversando com uma galera desconhecida e traduzindo um monte de coisa legal. Mas, a visão de hoje é que você é mais mandado do que você manda, mais recebe ordem, ninguém respeita direito o que você fala porque todo mundo pensa que você é só uma*

*secretaria que tá ali pra servir café ,e mesmo que saibam que o secretário não faz isso eles fazem questão de achar que você vai servir café.* (Entrevistado 6, em resposta a questão 2).

No trecho acima, além das relações de força, entre o que o entrevistado acha que faz um secretário executivo e o que as pessoas acham que faz esse profissional, vemos materializadas no discurso do entrevistado, as relações de sentido, que são as relações de um dizer com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis; são o interdiscurso, a memória discursiva, os pré-construídos, os já-ditos e que podemos observar na fala a cima.

Quando o entrevistado 6 descreve, no início do trecho (5), como ele imaginava ser a profissão de secretário executivo, vemos materializado em seu discurso, os já-ditos, os pré-construídos sobre essa profissão; uma visão idealizada das funções desse profissional que se desmorona ao se deparar com a realidade da profissão.

Outros já-ditos e pré-construídos são materializados no final do trecho, quando o entrevistado fala sobre as pessoas acharem que o secretário executivo está lá para servir café.

Em relação ao mecanismo de antecipação, ele representa a capacidade de um sujeito de se colocar no lugar de seu interlocutor e antecipar-se a ele quanto aos sentidos produzidos por sua fala. Segundo Orlandi (2005), “esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte”.

(6) *Assim... não me arrependo de ter feito, gosto muito do curso, mas não era o que eu queria fazer.* (Entrevistado 2, em resposta a questão 3)

(7) *Sinceramente, você quer, ne? Eu escolhi porque eu ia prestar letras inglês, mas o vestibular não abriu pra essa turma aquele ano.* (Entrevistado 5, em resposta a questão 3)

Podemos observar que os entrevistados 2 e 5 tentam prever o que o entrevistador pensará quando ouvir seu enunciado. No caso da primeira resposta, temos o “*não me arrependo de ter feito*”, o que mostra uma preocupação de afirmar que apesar dos pesares já enunciados ela não se arrepende de ter feito o curso, uma conclusão que poderia ser tirada de seu discurso. Por meio do mecanismo de antecipação o entrevistado tenta controlar os sentidos que seu discurso produzirá, o que também acontece

com o outro entrevistado ao perguntar “*Sinceramente, você quer, ne?*” indicando, cataforicamente, a verdade de sua fala futura e questionando sobre a possibilidade de uma resposta duvidosa. Frente à afirmação do entrevistador, o entrevistado opta por contar sua história deste modo e não de outro, gerando efeitos conforme a imagem que ele pensa que o entrevistador tem, ou pode ter dele.

Separamos as relações de força, as relações de sentido e os mecanismos de antecipação e exemplificamos por meio de excertos de nosso corpus por uma questão didática, porém, vale ressaltar que esses três aspectos da formação imaginária não acontecem separadamente; num mesmo excerto, podemos reconhecer os três, ou pelo menos, dois desses aspectos.

Conforme as explicações de Orlandi (2005, p. 39-40), as relações entre as imagens de si, do outro e do objeto do discurso (formações imaginárias) são construídas, de forma inconsciente, através das formulações apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 1: Formações Imaginárias (embasado em Orlandi, 2005, p. 39-40)

Imagem da posição sujeito locutor	Quem sou eu para lhe falar assim?
Imagem da posição sujeito interlocutor	Quem é ele para me falar assim ou para que eu lhe fale assim?
Imagem do objeto do discurso	Do que estou lhe falando? Do que ele me fala?
Imagem que o locutor faz da imagem que seu interlocutor faz dele	Quem ele pensa que eu sou para que eu lhe fale assim ou para que ele me fale assim?
Imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso	Quem ele pensa que é para me falar sobre isso?

Fonte: adaptado de Orlandi, 2005, p. 39-40

Segundo Silva (2000, p. 81-89), a identidade é uma relação social que se constitui linguística e discursivamente, está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Sendo assim, ela não é simplesmente definida, ela é imposta, dada. Portanto, a identidade é um significado cultural e socialmente atribuído e está estreitamente relacionada a sistemas de representação. Esses sistemas de representação, esses vetores de força e essas relações de poder, a nosso ver, podem ser diretamente associadas às formações imaginárias, constituindo, assim identidades para o sujeito *do* discurso (o futuro profissional) e para o sujeito *no* discurso (o secretário executivo trilingue).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Segundo as teorias aqui exemplificadas por meio dos excertos, tentamos demonstrar que a identidade e a diferença não existem simplesmente, elas são frutos de relações sociais, ou seja, são construídas socialmente e são disputadas entre os grupos sociais detentores de poder.

O movimento de inclusão e exclusão presente nos discursos analisados é uma característica que é natural da identificação e do jogo de imagens. O futuro profissional secretário executivo muitas vezes se distancia da sua identidade como profissional, permanecendo na identidade do estudante. Entretanto, nas relações de força, em alguns momentos ele se impõe e procura mostrar-se como pertencente a essa classe de profissionais, e ainda tenta prever os sentidos de seu discurso, o que coloca em enfoque o mecanismo de antecipação apresentado.

## REFERÊNCIAS

---

CORACINI, Maria José (org.). **Identidade e discurso**. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária. 2003.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 2 ed. Campinas: Pontes, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.

NONATO, R.J. **Epistemologia e teoria do conhecimento em secretariado executivo**: a Fundação das Ciências da Assessoria. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.